

## 6 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES: novos olhares para o equilíbrio da mente humana.

Ana Lúcia Gomes da Silva<sup>1</sup>  
Gazy Andraus<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca refletir o diálogo de dois pesquisadores em diferentes espaços. As discussões são tecidas no GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUC/SP e no INTERESPE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação. Tais discussões tratam das experiências artísticas interdisciplinares e traduzem as vivências de ambos. Uma pesquisa centra-se no contexto da Arte Indígena dos Povos do Pantanal Sul-Mato-Grossense numa busca instigante pelo sentido da vida e da comunicação mediante o ensino da arte. A outra, analisa as expressões artísticas em quadrinhos como condição *sine qua non* para uma melhor performance da mente bi-hemisférica humana. Entre as vozes encontramos aporte teórico nos diálogos com Andraus (2006); Barbosa (2006); Gregori (1999); Fazenda (2007); Morin (2000, 2002); Silva (2005, 2013); Taylor (2008), entre outros. Dos pontos refletidos percebemos um ser humano atento e sensível às mudanças da sociedade com capacidade de constante aprimoramento e depuração das ideias e ações. Nesta direção nosso estudo sinalizou a cumplicidade interdisciplinar, considerada indispensável para um entendimento sobre as nossas próprias manifestações artísticas na permuta dos conhecimentos, que por ora ampliamos.

**Palavras Chaves:** Interdisciplinaridade, diálogo, equilíbrio mental, expressões artísticas.

**Abstract:** This article seeks to reflect two researchers dialogue in different spaces. The discussions are woven in Gepi - Group of Studies and Interdisciplinary Research of PUC / SP and INTERESPE - Group of Studies and Research Interdisciplinary and Spirituality in Education. Such discussions address the interdisciplinary artistic practices and reflect the experiences of both. One research focuses on the context of Indigenous

---

<sup>1</sup> Ana Lúcia Gomes da Silva: Professora e Coordenadora de Gestão Acadêmica da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/ Campus de Aquidauana. Doutora em Educação: Currículo pela PUC/SP.. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – GEPI/PUC/SP. Grupo de Estudos e Pesquisa no Ensino das Artes Visuais/UFMS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação Interdisciplinar de Professores/UFMS/Campus de Aquidauana. Colaboradora no Programa de Formação de Professores da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar/OMEP/BR/MS/Aquidauana. CV: <http://lattes.cnpq.br/3468543283151836> Contato: [analucia.sc1@hotmail.com](mailto:analucia.sc1@hotmail.com) .

<sup>2</sup> Gazy Andraus: Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior e professor de Licenciatura em Educação Artística na FIG-UNIMESP - Centro Universitário Metropolitano de São Paulo. CV: <http://lattes.cnpq.br/0256950026952623> Contato: [gazyandraus@gmail.com](mailto:gazyandraus@gmail.com)

People Art of Mato Grosso Pantanal, an exciting search for the meaning of life and communication through the teaching of art. The other study, analyzes artistic expressions in comics as *sine qua non* for a better performance of bi-hemispherical human mind. Among the voices we find theoretical support in dialogues with Andraus (2006); Barbosa (2006); Gregori (1999); Fazenda (2007); Morin (2000, 2002); Silva (2005, 2013); Taylor (2008), among others. Among the reflected points, we perceived a human being attentive and sensitive to changes in society, capable of constant improvement and purifying ideas and actions. In this sense our study signaled an interdisciplinary complicity, considered essential for an understanding of our own artistic events in knowledge exchange, which, for the time being, were expanded.

**Key Word:** Interdisciplinary, dialogue, mental balance, artistic expressions.

## INTRODUÇÃO.

Este artigo reflete o diálogo de dois pesquisadores em diferentes espaços que, convidados a fazer parte das discussões provocadas no GEPI - Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares da PUC/SP e no INTERESPE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação tratam das suas experiências artísticas interdisciplinares e a expressão de vivências de ambos.

A primeira pesquisadora é arte-educadora e tem focado seus estudos no contexto da Arte Indígena dos Povos do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Neste espaço rico em fauna e flora, conversa sob o olhar do índio sobre a cura sensorial e sob seu próprio olhar sobre a instigante busca pelo sentido da vida e da comunicação pelo ensino da arte como um espaço vivo, produtor de um conhecimento novo, revelador, que aponta para a transformação. O segundo pesquisador analisa as expressões artísticas em quadrinhos como condição *sine qua non* para uma melhor performance da mente bi-hemisferial humana.

Tais elaborações e narrativas dos autores têm como objetivo fornecer combustível para a mobilização de pulsões reprimidas do poder criativo, facilitando assim manifestações mais livres quando tratamos do olhar para si e para o outro. Imagens de transformação e mudança, representadas nas criações artísticas que dão expressão no decurso do processo terapêutico<sup>3</sup> para as mazelas na educação. No trabalho, buscamos os recursos na imaginação, no simbolismo e nas metáforas para enriquecer os conceitos na

---

<sup>3</sup> Processo de tratamento nas mudanças e renovação na educação.

transição da incerteza para a clareza de investigação em direção ao Eu verdadeiro.

## **MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA BUSCA DE EQUILÍBRIO DA MENTE HUMANA.**

Como parceiros na interdisciplinaridade, aceitamos o convite ao desafio de dividir nossas experiências artísticas e compartilhar as idéias no conjunto das narrativas sobre a arte como expressão de comunicação na interação humana e o valor das histórias em quadrinhos.

Iniciamos nossa jornada pessoal, particular, mas com objetivos comuns na busca de compreensão espiritual e de como podemos contribuir para cuidar e melhorar a nossa vida em sociedade. Seguimos na investigação com o sentido da cura na mensagem extraída do CD Meditação – Corpo/Alma/Casa/Espírito:

### **O que é a Cura?**

Cura, no sentido de compreender os nossos males de corpo, mente e espírito. A cura quem nos dá não é Deus, não é Buda, não é Alá, não é Jesus, não é o médico, o curandeiro, o vidente, o remédio, o passe.

Enfim, quem nos cura não está fora. Nós nos curamos quando compreendemos nossas mágoas, nossos medos, nossas culpas; quando conscientizamos nosso interior, quando integramos nosso corpo com nossa essência, quando assumimos nossa responsabilidade por nós mesmos e com um intento forte nos comprometemos, nos ocupamos, com disciplina, de cuidar de nós mesmos. O corpo é a sua casa, você é o dono e há muito tempo você perdeu as chaves. Se seu corpo está centrado, todas as forças se movem a partir do centro. Você respira pelo abdômen e se movimenta com facilidade. Se sua mente está centrada, você não é escravo dos seus pensamentos e sua mente é livre. Se seu espírito está centrado você está em conexão com o todo e tudo parece mágico, porque reina a alegria, a fé, a paz, a sincronicidade, e então toda a sua vida tem significado.

Considerando o ponto de vista, poucas são as pessoas que possivelmente possam se dizer sadias, devido às mazelas e questões que inundam o orbe terrestre e a mente humana. Não só de alimento, abrigo e materialidade o homem vive, mas também e principalmente de prazer na e da existência. E que prazer seria esse? Partindo de experiências pessoais como autores, mas também pesquisadores e educadores, temos como fator primordial o estatuto

do processo criativo. E o que seria isso? A princípio, como partes da criação e do universo, tanto do viés acadêmico como religioso<sup>4</sup>, temos potenciais de criatividade e também de auto-reflexão, como nenhum outro ser deste planeta possui. Ao mesmo tempo, conseguimos a façanha de nos “desconectarmos” da natureza ao que concerne à maneira de existir e refletir, pois podemos optar por decisões baseadas em lógicas, mas também em emoções, e tanto podemos dar “nãos”, como “sins”, bem como “talvez”, independente de circunstâncias da natureza. Por exemplo: caso nos alimentemos satisfatoriamente, porém, podemos prosseguir deglutindo além do que necessitávamos, causando desequilíbrios externos e internos no compartilhamento dos alimentos ou no excesso ao organismo, o que pode ser prejudicial. E, também podemos optar por não nos alimentarmos suficientemente, com a objetividade de regimes e outras questões similares. Porém, tudo isso responde como processos que muitas vezes não são tão facilmente elegíveis, dependendo de como está estruturada nossa inteligência sistêmica.

Para se buscar esse equilíbrio salutar, há que se rever um ou outro apontamento concernente às atuais descobertas e desenvolvimentos da pesquisa cognitiva. Desde a década de 1990, quando se veio a nomear como a década do cérebro, pesquisas acirradas com tomografias apontando o funcionamento cerebral em diversas atividades vêm sendo monitoradas e extensivamente anotadas por pesquisadores, fornecendo dados novos e colocando mais clarezas na perscruta e entendimento do cérebro neuroplástico. O sociólogo Waldemar de Gregori (1999) é um dos entusiastas brasileiros que defendem a manutenção de um equilíbrio mental no qual haja uma melhor inter-relação do uso cerebral, quer seja, científico (racional), artístico (intuitivo) e político (pragmático), suscitando a neuroplasticidade do cérebro bi-hemisferal desenvolvido por camadas durante as eras de evolução de vida na Terra até o homem atual, que também pode ser designado por *homo sapiens sapiens*, *homo demens* e *homo ludens* como lembra Edgar Morin (2000; 2002). Assim, para De Gregori (**vide fig.1**), o uso desproporcional, ora do hemisfério cerebral esquerdo, ora do direito e ora da porção central, tem gerido de forma desequilibrada a mente e a atividade de nós, homens e mulheres e, por conseguinte causado os distúrbios de variadas ordens em nossos sistemas de vida e ambiente.

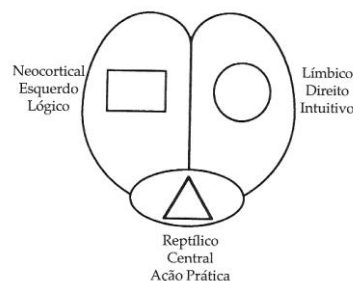


Fig. 1: De Gregori: 1999, p. 29.

<sup>4</sup> Pela ciência temos que somos pós-estelares, já que partes integrantes do universo desde sua criação pelo big-bang; e pela religião no sentido estrito de *religare*, como reconexão ao cosmo.

Nessa esteira, tem-se percebido que no ensino, por exemplo, a ciência racional cartesiana, em seu viés reducionista (que amputou a visão da alma vislumbrada por Descartes), tem privilegiado mais as questões e estudos racionais, lineares (pois do hemisfério esquerdo), em detrimento do uso facultativo das artes, dos sentimentos fraternais, da intuição holo-abrangente do hemisfério cerebral direito, o que é parte desse desequilíbrio na saúde humana. Para essa premissa, bastar-se-ia que usássemos as faculdades artísticas em nosso desenvolvimento, tanto no ensino básico como nas universidades e muito desse desequilíbrio podia ser sanado. Durante a educação infantil e juvenil, a mente começa a se desenvolver e precisa de estímulos variados para que não haja atrofia em determinadas áreas cerebrais e hipertrofia em outras (ANDRAUS, 2006): o uso excessivo de racionalidade linear e textos fonéticos cartesianos mina nossa sensibilidade e, por conseguinte, o desenvolvimento de áreas do hemisfério direito cerebral, atinentes à não-linearidade ao todo, conforme demonstrou a neuroanatomista Jill Bolte Taylor, de quando teve um AVC que prejudicou seu hemisfério cerebral esquerdo, mostrando a ela o potencial “oculto” mas latente do direito (quântico), que a irmanava e a coligava a tudo e a todos, como narra em suas palestra e livro (TAYLOR, 2008). Nas tomografias computadorizadas do cérebro, além de verificação de várias habilidades, percebeu-se que as imagens desenhadas são lidas por áreas distintas entre os hemisférios, dando-se mais pelo direito, do que pelo esquerdo, o qual reserva mais áreas para a escrita fonética e a linguagem da fala, por exemplo, lembrando que ambos os hemisférios cerebrais trabalham juntos, apesar desta aparente dicotomia, e em trocas constantes de informações. Os gagos não gaguejam quando cantam, pois o canto é arte (hemisfério direito), e a gagueira é um conflito que se dá nas tarefas dos dois hemisférios: o direito se sobrepõe ao esquerdo da fala, criando um conflito que gera a gagueira (Herculano-Houzel, 2002). Também se descobriu que os desenhos e ideogramas chineses são lidos pelo hemisfério direito mais que pelo esquerdo (SAENGER, 1995): não à toa os japoneses, que aprendem o idioma ideográfico e fonético desde a infância, quase não têm preconceito com desenhos e quadrinhos, como temos nós que nos desenvolvemos mais pelos fonemas (**fig. 2**). Além disso, cada página de uma HQ é lida quase que “holisticamente”, diferente de uma leitura exclusivamente linear: enquanto a visão central foca, por exemplo, um quadrinho no meio da página (como exemplo de novo a **fig. 2**), a visão periférica já passou e torna a passar) pelos quadros lidos (do passado), enquanto absorve um tanto dos quadrinhos à frente (do futuro), que seguem na estrutura da página, quase como uma leitura quântica, em que passado, presente e futuro se imiscuem. Nenhuma outra linguagem tem tal potencial imagético tão escancarado assim, o que pode indicar uma influência de desenvolvimento da inteligência que não é segregadora, pois une também o texto fonético contido nos quadrinhos aos próprios desenhos. Assim, um ensino em que as imagens e as artes entrem com mais constância, podem afinar e equilibrar a mente humana, não a deixando pender exageradamente à racionalidade fria e excludente. Taylor (2008) advertiu que durante seu AVC percebeu-se muito mais irmanada ao outros, já que seu hemisfério direito ficou mais ativo e com menos interferência

do esquerdo, e tornando a vida humana mais complexamente sensível, integrada, criativa e racional/intuitiva, num equilíbrio melhor desejado.



Fig. 2: BAN, Toshio & Tezuka  
Productions: 2003, p. 2.

É assim que as histórias em quadrinhos podem ajudar a suprir parte de tal equilíbrio, pois mesclam desenhos criativos aos textos fonéticos, e servem tanto às crianças, como aos jovens e adultos nas universidades e além, visto que o cérebro se estimulado, independente da idade, jamais cessa sua neuroplasticidade da inteligência. Os próprios indígenas, tendo sua mente mais conectada à natureza<sup>5</sup>, e provavelmente usando mais equilibradamente os hemisférios cerebrais, têm provavelmente uma intuição mais apurada, em que há um equilíbrio mais salutar na sua vida: para eles, a arte, a pintura, o trabalho etc. são uma coisa só! Não as distinguem como nós, que dividimos mais

nossas mentes, aleijando certos desenvolvimentos em prol a outros, culminando em separarmos a vida cotidiana do lazer, do trabalho etc.

Em se tratando dos povos indígenas, somos sabedores que ao longo de sua história eles vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais, como por exemplo, na imagem abaixo:



Imagem de mulheres indígenas da Aldeia Limão Verde no Município de Aguiadana-MS, expondo suas produções artísticas em materiais nativos como sementes, palhas, cascas e outros. Foto em 14/05/2009. [Acervo da pesquisadora.](#)

Estas possibilidades no universo indígena mobilizam, dentre outros fatores, a atividade artística como forma de prover o sustento e como instrumento capaz

<sup>5</sup> Pois que imersos na natureza e menos desconectados que os não indígenas, ditos tecnológicos, mas afastados em sua conexão à natureza bruta.

de garantir competências e habilidades necessárias para a afirmação da identidade cultural (na ilustração da etnia Terena), necessárias à convivência com a sociedade abrangente. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana.

## **MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS INTERDISCIPLINARES NO RECONHECIMENTO DO “EU POSITIVO”.**

Em meio aos mistérios da existência humana e suas principais dificuldades para se educar e educar o outro está principalmente a negação do próprio “Eu” como: “eu não consigo”, “eu não gosto”, “eu não devia”, “eu não podia”, “eu não sei” e por fim “eu não existo”. Segue negando que gosta, que deveria, que podia, que sabia e a maior das dádivas: que existe e faz parte de um mundo em que é essencial fazer a diferença se reconhecendo como alguém com atributos positivos. Valendo-se dos nossos escritos (SILVA, 2010), reafirmamos que “neste movimento como ser social, também reconhecemos as incertezas nas imagens da nossa história de vida e da nossa grande expectativa de se encontrar no encontro com o outro”.

Neste embate como aprendiz, encontramos orientação e ancoramos nossos anseios em Ivani Fazenda (2007), ser humano com uma espiritualidade especial que passamos a admirar ainda mais como pesquisadora na autoria, no respeito à plenitude ao ato de educar, pelas práticas realizadas num ambiente de luz e alegria a cada um e a todos, marcando nosso exercício no cotidiano da academia e fora dela, culminando numa visão menos estreita cartesiana e mais ampla interdisciplinarmente.

Daí as considerações tecidas, sobre a busca do equilíbrio sensível para os distúrbios de variadas ordens em seus sistemas de vida e ambiente e, sobre a experiência estética constituída, para os índios, como elemento fundamental na transmissão de conhecimentos e de valores sociais, por meio dos quais pode ser definida sua especificidade, ou seja, a natureza ou a essência de sua própria humanidade.

Buscando compreender tais concepções nas particularidades das diferentes expressões culturais dos povos indígenas e não índios, há que se reconhecer não só a necessidade da arte, mas a sua capacidade transformadora. Uma das funções sociais da arte é a de ser um instrumento da educação. Procura-se, por meio dela formar homens criativos, inventivos e descobridores de novas verdades. Aliás, não é somente através da arte que o potencial criativo do

homem se desenvolve, em todo conhecimento há possibilidades de ocorrências criativas, mas, na arte, há a emoção e o prazer de se criar um produto que é o resultado da expressão subjetiva do seu criador, atendendo às suas próprias necessidades, anseios, percepções e motivações. “Cada qual externa algo de si mesmo ou de sua coletividade, criando, dessa maneira, um mundo à sua semelhança, com características inconfundíveis e dimensões imprevisíveis” (SILVA, 2005).

E, se como educadores valemo-nos deste fragmento, contribuímos para que o acesso à arte seja um direito do homem. Aceitar que o fazer artístico e a fruição estética trazem benefícios para a formação do ser humano é ter a certeza da capacidade que as crianças, jovens e adultos têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de um modo interdisciplinar. Segundo Barbosa (2006), essa investigação tem muitas vantagens, por exemplo, o desenvolvimento profissional dos professores e a colocação positiva da arte na aprendizagem das crianças.

Pensar a arte é, então, pensar nossa relação sensível com o mundo e justificar a necessidade de valorizar o espaço da arte, como lugar de produções significativas, como homologação das nossas próprias manifestações criativas. Entretanto, a arte não se constitui em algo que não muda ou que se transmite através de gerações de modo inalterado. Ela é constantemente elaborada e reelaborada, ao longo do tempo, através do espaço e seu dinamismo acompanha a própria vida da sociedade produtora: inclusive importantíssima na nossa infância e como parte totalmente integrante da vida indígena. Além de outras funções, as produções artísticas dos diferentes grupos sociais são um meio de comunicação de aspectos da cultura e da visão do mundo.

## **CONSIDERAÇÕES.**

A direção que procuramos manter durante o nosso estudo simboliza a cumplicidade interdisciplinar, considerada indispensável para um entendimento sobre as nossas próprias manifestações artísticas na permuta dos conhecimentos, que por ora ampliamos.

Buscamos que compreendessem como os desenhos nas histórias em quadrinhos podem ajudar a equilibrar a mente humana das crianças, dos jovens e adultos, visto que o cérebro se estimulado, independente da idade, jamais cessa sua neuroplasticidade da inteligência. Ainda, como vencer esta crise generalizada de auto-estima na educação, intensificando o trabalho com artes, no propósito de levá-los a olhar para si mesmos, para a sua história individual e coletiva.



Acreditamos na seriedade do nosso trabalho e na possibilidade de estarmos colaborando com alunos, profissionais da educação quando discutimos sobre a necessidade de se posicionar positivamente numa sociedade que exige um homem crítico, criativo com capacidade de pensar, de aprender a aprender, trabalhar em grupo e de conhecer o seu potencial intelectual. Ainda, quando tratamos de uma postura de mundo, onde esse homem deverá ter uma visão geral sobre os diferentes problemas que nos afligem como os distúrbios da humanidade nos aspectos afetivos, educacionais, sociais, os ecológicos entre outros, além de profundo conhecimento sobre domínios específicos. Dos pontos refletidos ampliamos esta abordagem ancorando em nossos escritos:

No estágio atual do ensino, o professor não é mais visto como aquele que detém todas as possibilidades do conhecimento e do saber, o aluno é considerado, também, como protagonista do processo de ensino e aprendizagem; é preciso enxergar o ensino sob outro prisma, pois as aulas, antes estáticas, agora acompanham as constantes transformações provocadas pelo avanço das pesquisas e pelo fenômeno da globalização (SILVA, 2013, p. 53).

Em outras palavras, um homem atento e sensível às mudanças da sociedade, com atitudes interdisciplinares e com capacidade do constante aprimoramento e depuração de idéias e ações.

Isto é fácil? Não. Dá trabalho, exige uma revisão de conceitos e retomadas em questões que consideramos bem definidas e estáticas na nossa vida. Sobre isto, Fazenda (2007) nos revela que o movimento está em “rever o velho para torná-lo novo ou tornar novo o velho”. Vale também lembrarmos que a própria ciência se atualiza e altera paradigmas. O caso da física quântica é o mais emblemático, pois quando descobriram que as micropartículas atômicas podiam se apresentar como corpúsculos (matéria) e/ou ondas (de possibilidades) não conseguiam entender tal paradoxo: até que por fim viram que essa era uma constatação possível da natureza, descoberta afinal graças aos avanços tecnológicos que descortinaram esse novo viés, e quase que como se acostumaram a essa nova “lógica”. Ou seja, a mente do ser humano (no caso, o pesquisador) se “neuroplasticou”, ampliando-se a abarcar mais essa nova lógica, em que a intervenção do homem altera a realidade possível (quântica). Portanto há de buscarmos caminhos, sem apontar culpados, para que a máscara caia e possamos assumir nosso verdadeiro “EU” na busca do equilíbrio para as mazelas da educação e conflitos da mente humana, criando um renovado ser mais equilibrado e criativo, então saudável! Um pouco mais reconectados, como os indígenas em sua origem e essência, mas também paradoxal, mas salutarmente tecnológicos como na contemporaneidade inextricável.

## REFERÊNCIAS.

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário**. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>

BAN, Toshio & Tezuka Productions. **Osamu Tezuka: uma biografia mangá**. São Paulo: Conrad, 2003.

BARBOSA, Ana Mãe (Org.) **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.

CASA EM REVISTA. **Interdisciplinaridade**. Ano 2. Ed. Especial. ISSN 2175 – 2907. São Paulo, novembro de 2010.

DE GREGORI, Waldemar. **Os poderes dos seus três cérebros**. São Paulo: Pancast.

FAZENDA, **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 6ª ed. 2007.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O Cérebro Nosso de Cada Dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília/São Paulo: Unesco/Cortez editora, 2000.

SAENGER, PAUL. A separação entre palavras e a fisiologia da leitura . In David R. OLSON e Nancy TORRANCE. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo, Ática, 1995.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **Interdisciplinaridade na Temática Indígena: aspectos teóricos e práticos da educação arte e cultura**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Ensino da Arte: Contribuições para o Processo Ensino-Aprendizagem no Município de Aquidauana**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco-MS, 2005.

TAYLOR, Jill Bolte. **A cientista que curou seu próprio cérebro**. São Paulo: Ediouro, 2008.